

# Zero-a-Seis *06*

## PEDAGOGIA INTERCULTURAL: DISCUSSÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PRESENTES NA ITÁLIA **Intercultural Pedagogy: theoretical and methodological discussions in Italy**

Flávio **SANTIAGO**  
Faculdade de Educação da USP  
Instituto Federal de Pernambuco  
Gravatá/PE, Brasil  
[santiagoflavio2206@gmail.com](mailto:santiagoflavio2206@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-7019-2042> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



GIUSTI, Mariangela. **Teorie e metodi di pedagogia interculturale**. Bari-Roma: EditoriLaterza, 2017.

## RESUMO

O livro *Teorie e metodi di pedagogia interculturale*, da Mariangela Giusti, voltado principalmente para professores e professoras da educação básica e estudante em formação em nível de graduação, sendo um "manual" de como construir uma educação intercultural e os pontos relevantes ao processo. Por meio da leitura do livro, a autora nos alerta sobre o distanciamento entre a relação da prática e da teoria, por isso, apresenta caminhos metodológicos e didático-educacionais, que oferecem alimento para pensarmos sobre o movimento do conceito de interculturalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia intercultural. Didática. Migrações.

## ABSTRACT

The book *Teori e metodi di pedagogia interculturale*, from author Mariangela Giusti, aiming mainly to primary education teachers and graduation students being a "manual" of how to build an intercultural education and relevant points to this process. Through the reading we are alerted by the author about the distancing between practice and theory thus she presents methodological and didactic- educational ways, which offers us nourishment to think about the intercultural movement concept.

**KEYWORDS:** Intercultural pedagogy. Didactics. Migrations.

## RESENHA

Pedagogia intercultural é uma área recente do conhecimento pedagógico e em vias de construção do campo epistemológico. Para Walsh (2007), expoente teórica latino-americana, a interculturalidade delinea um projeto político elaborado por indivíduos que experienciaram processos de subalternização ao longo da história e que buscam redesenhos possíveis diante a sociedade neoliberal e eurocêntrica. “Pensada desta maneira, a interculturalidade crítica não é um processo ou projeto étnico, nem um projeto da diferença em si. [...], é um projeto de existência, de vida” (WALSH, 2007, p. 8). O entrelaçamento desse conceito ao campo pedagógico possibilitou olhar a educação, neste caso das crianças, pelo princípio da pluralidade, seja esta de idiomas, de culturas, de nações e de religiões. Desse modo, a práxis pedagógica estrutura-se sob características pontuais: a) A construção; b) A Elaboração. Ambas características se articulam dialeticamente no cotidiano, neste caso da escola, entre os sujeitos que o compõe num processo de significação e ressignificação dos elementos sociais, relevantes para a conscientização de si.

A partir dessa breve contextualização a respeito do conceito de interculturalidade, convido os leitores e as leitoras, a refletirmos um pouco a respeito do livro *Teorie e metodi di pedagogia interculturale* que é voltado principalmente para professores da educação básica e estudante em formação em nível de graduação, sendo um “manual” de como construir uma educação intercultural e os pontos relevantes ao processo. A obra é escrita por Mariangela Giusti, que atuou como professora na Escola secundária italiana e há vinte anos leciona na *Università degli Studi di Milano-Bicocca*, no desenvolvimento de pesquisas a respeito da educação intercultural e é uma das idealizadoras e diretora científica da Jornada Intercultural Bicocca e do Festival do Direito de Ser Criança. Ao longo de seus trabalhos científicos sobre interculturalidade percebe-se que o conceito desenhado por Giusti se opõe a ideia de fronteira.

O livro possui 188 páginas, é dividido em sete capítulos, organizados em duas partes, a primeira possui como título “Por uma pedagogia da construção” trabalhando de modo mais teórico o conceito de interculturalidade e sua relação com a pedagogia, a segunda chama: “Laboratórios, métodos de experiências didáticas interculturais”, trazendo elementos de ordem mais práticos para o/a leitor/a. A obra também conta com um apêndice, que traz as principais leis italianas em relação a temática, uma lista dos principais países dos quais imigram os refugiados na atualidade e um glossário de palavras.

Ao longo da obra podemos ver questionamentos e movimentos educacionais referentes ao processo de construção da escola italiana como um espaço intercultural, tal característica tem se intensificado frente os últimos 40 anos de fluxos migratórios para a Itália, os quais trouxeram elementos de mudança e transformação, que envolveram grupos étnicos, famílias, pessoas com experiências culturais e linguísticas muito diferentes, em nível ocupacional, profissional e geracional, e com uma característica comum, a aspiração para que todos mudassem seus horizontes de vida.

Como a autora aponta no livro, as sociedades atuais, nas quais as instituições educativas vivem e operam, são compostas de camadas sobrepostas, que são derivadas dos movimentos de passagens de elementos materiais e imateriais que afetam culturas, tempo e diversidade. As sociedades europeias, talvez pareçam aparentemente homogêneas e uniformes, mas na realidade elas também são o resultado de estratificação cultural, de alternâncias de povos, de fusão, de encontros de mundos diferentes que certamente pertencem ao passado, e, no entanto, também dizem respeito à realidade viva e atual e aos anos futuros.

É possível observar já nas primeiras páginas a importância da construção do conceito de justiça social apoiada pelo pensamento intercultural, que pontua o papel da educação dentro deste quadro. Para Giusti, a pedagogia intercultural poderia e deveria ser o porta-voz da construção de um modelo educacional que visasse a formação das crianças e jovens adequados a sociedade em transformação.

Os últimos trinta anos foram marcados por profundas mudanças no campo da educação, o pensamento intercultural cresceu em nível teórico e metodológico, graças ao fato de apoiar em uma regulamentação tanto do tipo tradicional (leis) quanto do tipo escolar específico (circulares). Essa fundamentação facilitou, orientou e garantiu o trabalho de professores, gestores escolares, educadores e, acima de tudo, melhorou a oferta educacional. A tarefa de quem trabalha no campo educacional é buscar possibilidades de simplificação dos procedimentos e transformação das instituições escolares, para que creches, pré-escolas e outros espaços educacionais se configurem em lugares hospitaleiros, onde todos se sentirão bem. Através da legislação intercultural, a escola italiana garantiu a todas as crianças o respeito, a valorização das diferentes línguas, o reconhecimento das identidades e o desenvolvimento de competências interculturais. A expressão "competência intercultural" permite gerenciar os desafios da comunicação em contextos multiétnicos, que surgem de diferenças, desde o conhecimento oculto do modo de estar em grupo, de como você responde a

situações interétnicas quando elas atingem o limite e geram ansiedade, compressão e estresse.

Giusti (2017) destaca que a escola e a educação devem transmitir a ideia não de uma identidade imutável, fechada em si mesma, mas de uma identidade narrativa, que cresce e se desenvolve. A identidade narrativa não é definida por ser sempre igual a si mesmo, mas por reconhecer diferenças; não permanecendo imóvel e fechada para os outros. Outro ponto que a autora também destaca é que escolas devem educar as crianças a entenderem que a migração precisa de tempo: aqueles que chegam de outros lugares como imigrantes se veem forçados a viver o contraste entre a cultura de origem e a de acolhimento.

Dentro desse contexto, a tarefa das instituições educativas é instruir as crianças a dar mais valor aos eventos positivos do que aos negativos dos fenômenos migratórios locais e globais. As paisagens que vemos ao nosso redor são compostas por uma profundidade de pessoas em movimento: são as paisagens que descrevem e capturam a ideia de interação contínua, típica da sociedade atual. Precisamos educar as crianças a se verem dentro dessas paisagens multiculturais, e pensarem e sentirem que estão fora destas.

A pedagogia intercultural tem a tarefa de fazer as crianças compreenderem, desde pequenas, o conceito de cultura aberta, uma cultura que cresceu ao longo do tempo e do espaço e nas trocas entre os povos. A educação nas instituições educativas deve educar as crianças para uma abertura internacional para o mundo comum em que vivem e é o ambiente de todos. Partir dessa convicção implica que devemos ter em mente muitos aspectos sobre os quais é necessário refletir, insistir e trabalhar juntos. Além disso, os profissionais da educação devem educar para uma avaliação positiva das línguas de origem dos estudantes e adultos estrangeiros, para que haja fortes relações entre famílias e escolas, creche e pré-escolas, entre famílias e o território.

O livro traz uma reflexão de forma pouco aprofundada em relação às diferentes experiências da migração, pois existe uma diferença entre ser um migrante europeu na Itália e, ser um imigrante latino-americano ou senegalês na Itália. Quando pensamos os processos de migrações não podemos perder de vista que estes são marcados pelas desigualdades étnico-raciais e pela luta de classes, tornando-se fundamental pensar o contexto socio-histórico das dinâmicas migratórias para a construção de uma proposta intercultural na educação.

Contudo, um aspecto relevante na obra de Giusti (2017) é ressaltar a necessidade de respeitar os ganhos da migração, bem como a construção de práticas

pedagógicas que promova experiências positivas em relação aos fenômenos migratórios. Para facilitar esse processo, a escola disponibiliza às crianças ferramentas capazes de contar histórias e documentar experiências, para assim assimilarem ideias e maneiras de se tornarem jovens e adultos adequados para as sociedades multiculturais. Para tanto, os/as professores/as poderão se pautar em alguns princípios:

a) Educar para o reconhecimento da alteridade;

b) Garantir que aqueles que nasceram em um território e sempre viveram lá possam se comparar com seus camaradas que vêm de mundos distantes sem partir de posições elitistas;

c) Garantir que crianças provenientes de outros países do mundo possam compartilhar os mesmos direitos que os nativos, pelo menos na escola;

d) Considerar que as classes multiétnicas não diminuem, nem sobrepõem a cultura local, que devem ser respeitadas como um sistema que está constantemente a destruir-se e a se reconstruir sem perder nada de si mesmo.

Nos ambientes multiétnicos, os/as professores/as tornar-se-ão figuras de mediação: capazes de fazer com que as crianças atinjam objetivos de aprendizado disciplinar, mas também de superar obstáculos relacionais, auxiliando as crianças na releitura da situação cotidiana da escola, creche e pré-escola e na produção de mudanças visíveis, de modo a construir um espaço entre as disciplinas, as habilidades profissionais, as culturas presentes, para encontrar a possibilidade de modificar as situações de inquietação, de sofrimento, de dificuldade. Entretanto, a autora destaca que o papel do/a professor/a-mediador/a não é impor seu ponto de vista às crianças, mas criar situações de confrontos, diálogos e estratégias para superarem as dificuldades e desigualdades. O desafio intercultural é poder manter a diversidade unida, o respeito a diferentes necessidades e apontar as semelhanças compartilhadas pelos seres humanos.

A autora aponta que após as indicações regulatórias foi possível programar iniciativas e cursos educacionais que, em relação às línguas e culturas familiares de todas as crianças, representaram um enriquecimento para todos e um desenvolvimento de iniciativas positivas no sistema educacional italiano, quanto ao âmbito da diversidade e diferenças. As mudanças legislativas contribuíram para a transformação das práticas pedagógicas, marcaram as mudanças sociais com relação aos migrantes e a pluralidade multicultural presente no interior da Itália.

Giusti alerta ao leitor sobre o distanciamento entre a relação da prática e da teoria, por isso, apresenta caminhos metodológicos e didático-educacionais, que

oferecem alimento para pensarmos sobre o movimento do conceito de interculturalidade, bem observado nas descrições dos casos de "Anbar e o véu", a jovem filha adolescente de pais marroquinos e islâmicos, e de "Iram", uma garota árabe do Paquistão.

O livro é um convite ao leitor a pensar a respeito da pedagogia intercultural, a apontar tanto métodos, quanto conceitos-chaves dessa perspectiva teórica e a possibilidade de pensarmos utopias. Um bálsamo, a nos esperar e nos impulsionar a produzirmos práticas no interior das instituições educativas que poder-se-ão reconfigurar o projeto da sociedade vigente.

## REFERÊNCIAS

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: **Memórias del Seminario Internacional "Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad"**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.

## NOTAS

### Título da Obra

#### **PEDAGOGIA INTERCULTURAL: DISCUSSÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PRESENTES NA ITÁLIA.**

Intercultural Pedagogy: theoretical and methodological discussions in Italy

**Flávio Santiago**

Doutorado em Educação

Pós-doutorando em Educação na Faculdade de Educação - USP

Instituto Federal de Pernambuco, polo Gravatá, Brasil

Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa

em Sociologia da Infância e Educação Infantil (GEPSI - USP

[santiagoflavio2206@gmail.com](mailto:santiagoflavio2206@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-7019-2042>

### **Endereço de correspondência do principal autor**

Av. da Universidade, 308 - Butantã, São Paulo - SP, 05508-040

## AGRADECIMENTOS

A revisão técnica de Kathlyn Fantonnatt de Souza e a revisão de português de Wilma Rigolon.

## CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** F. Santiago

**Coleta de dados:** F. Santiago

**Análise de dados:** F. Santiago

**Discussão dos resultados:** F. Santiago

## CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

**FINANCIAMENTO**

Não se aplica.

**CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

**APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

**CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica.

**LICENÇA DE USO** – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

**PUBLISHER** – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

**EDITORES** – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

**HISTÓRICO** – uso exclusivo da revista

Recebido em: 09-01-2020 – Aprovado em: 02-04-2020